

Mulheres hindus da Quinta da Vitória: Práticas e Vivências

Hélia Bracons Carneiro ©

Instituto de Serviço Social, Universidade Lusófona, Lisboa

Introdução

Este trabalho reflecte algumas conclusões de um estudo exploratório realizado para a obtenção do grau de mestre em Serviço Social, pelo Instituto Superior de Serviço Social¹ sobre os modos de apropriação e de organização do espaço doméstico e do espaço envolvente, bem como sobre a satisfação residencial e as atitudes face ao processo de realojamento de três grupos étnicos distintos, destacando-se para a presente análise a comunidade *Hindu-Gujarate*.

Pretende-se com este artigo explorar sentimentos e atitudes relacionadas com o espaço doméstico e o espaço público, indispensável para compreender o papel fundamental da mulher hindu em contexto português.

Centrando-se no trabalho de terreno realizado no Bairro Quinta da Vitória, na freguesia da Portela, concelho de Loures, aquando do realojamento das primeiras famílias, no bairro contíguo da Rua Alfredo Bem Saúde, tenta-se dar a conhecer, de forma simples e exploratória, a comunidade e como nela se vive, tendo em conta as vivências familiares, as manifestações religiosas e a sua importância, o trabalho e a casa, bem como a vivência no bairro, na antiga e na nova residência, para as mulheres hindus.

Foram entrevistadas três mulheres, mães, representantes das respectivas famílias, que referiremos como Família 1, 2 e 3, abreviadamente F1, F2 e F3.

O agregado familiar das famílias F1 e F3 é composto por 6 elementos e o da F2 por 4, em todas, pai, mãe e filhos. As mulheres entrevistadas têm nacionalidade portuguesa e são:

F1 – 40 anos, natural de Fudam (Índia), doméstica, casta *fudamia* (casta de pedreiros da aldeia de Fudam);

F2 – 22 anos, natural de Moçambique, tem curso superior, desempregada, casta *koli* (casta de pedreiros);

F3 – 43 anos, natural de Diu (Índia), feirante, casta de pedreiros.

O presente texto recorre frequentemente a reflexões realizadas a partir do terreno e dos discursos dos sujeitos.

Localização geográfica, população e suas origens

A população do Bairro Quinta da Vitória encontra-se inserida num dos 52 núcleos de construções abarracadas (concretamente no núcleo 5), identificados pelo Município de

Loures como zonas caracterizadas por graves situações habitacionais, e como tal, espaços privilegiados de intervenção abrangidos pelo Programa Especial de Realojamento (PER).

O núcleo da Quinta da Vitória nasceu no início da década de 70 com algumas famílias portuguesas vindas das regiões rurais do norte do país que, em Lisboa, buscavam melhores condições de vida. Depois de Abril de 1974, cresceu com famílias africanas oriundas de Cabo Verde, Guiné, Angola e São Tomé, mas foi sobretudo no decorrer da década de oitenta que se verificou a ocupação de forma mais massiva, por famílias de origem indiana oriundas de Moçambique (comunidade *Hindu-Gujarate*²).

A geração anterior desta população provinha, na maioria dos casos da cidade de Diu e dos seus arredores. Moçambique foi o primeiro destino de imigração.

Segundo Malheiros (1996:123,134), a população indiana que se fixou no Bairro, começou pela imigração dos homens, que tinham como objectivo ou voltar para a Índia depois de acumular as suas poupanças ou, mais tarde, fixar as suas famílias e constituir aí a sua vida. Em Moçambique, os motivos da imigração para Portugal diferem de acordo com as datas dessa mesma imigração.

Num primeiro momento, no pós-25 de Abril, as famílias vieram com a vaga de portugueses e africanos que deixaram o seu território. Num segundo momento, nos anos 80, a motivação principal prendeu-se com o agravamento das condições de vida, com a guerra instalada, e com factores macro económicos como a fome e as consequências alargadas da crise do petróleo. As que vieram a partir dos anos 90, foram essencialmente mulheres e homens que se casaram com pessoas que já residiam em Portugal, e cujas condições de vida em Moçambique não melhoraram ao longo da década anterior.

A partir de 1995, houve uma vaga de imigração, desta vez proveniente da própria Índia e dos países vizinhos. Regista-se ainda hoje a vinda de indivíduos oriundos de Diu que têm familiares a residir no bairro.

O Bairro Quinta Vitória possui rede de esgotos, de telefone, recolha de lixo, limpeza de ruas, distribuição de correspondência, mas não possui fornecimento domiciliário de água, apenas tem alguns chafarizes que se encontram espalhados no bairro, dos quais por vezes, são feitas múltiplas ligações. Relativamente à electricidade, o bairro foi alimentado pela EDP, em Agosto de 1999. Desde os anos 70 até aquela data, a energia eléctrica que chegava ao bairro era roubada e puxada de casa em casa, sendo vendida e sub-vendida aos vizinhos. Concomitantemente reuniram-se esforços para que a electricidade “oficial” chegasse ao bairro.

Os alojamentos da Quinta da Vitória são predominantemente de alvenaria, embora tenham sofrido alterações ao longo dos anos, quer no que respeita à substituição de materiais como madeira, cartão ou chapa, por materiais mais resistentes, como também na construção de acrescentos às matrizes iniciais.

Em 2001 começaram os realojamentos das famílias do Bairro para as novas casas da Rua Alfredo Bem Saúde, contíguas, embora já no município de Lisboa, com a consequente e imediata demolição das suas construções. Este realojamento tem vindo a ser efectuado

de forma faseada, paralelamente à demolição das construções de famílias não abrangidas pelo programa PER, encontrando-se actualmente (2006) a área do Bairro reduzida a cerca de três quintos.

A vivência da mulher hindu

A Família: coesão familiar

Na Índia, os agregados familiares são compostos pelos filhos e pelos sogros: quando casam, o casal vai viver com os pais do marido. Aqui, no Bairro existe esta vivência. Com o realojamento, em alguns casos, foi atribuído um fogo por família, pelo que estes casais ficaram independentes dos pais/sogros, para alegria dos mais jovens, embora signifique uma ruptura com a tradição.

As tarefas domésticas e da educação dos filhos têm um papel fundamental na vida da mulher hindu. É com elas que ocupa uma grande parte do seu tempo. Para além destas tarefas, estas mulheres passam os seus dias em encontros religiosos organizados por elas próprias, nas compras, ou de passagem pelas várias lojas indianas da zona, onde socializam entre si.

A preocupação com o bem-estar e segurança dos filhos leva a que algumas mulheres com filhos em idade escolar e pré-escolar os acompanhem, pelo que realizam, várias vezes ao dia, o trajecto que vai de casa à creche, ao jardim-de-infância ou à escola das crianças³.

“Sempre eu que acompanho os filhos à escola, vou levá-los e buscar. Quando estou doente ou vou às consultas ou outro trabalho ele vai... pois ele está a trabalhar e não pode. Também vai minha família buscar, quando vai buscar outras crianças do bairro”. F1

“Não falto nunca às reuniões... sempre acompanhei eles nos estudos, nas festas... se for preciso vou falar com os professores para saber.” F3

Paralelamente a este circuito, as suas incursões no exterior do bairro resumem-se a trajectos fixos entre a casa, o mercado e as visitas a casa de familiares residentes no bairro. Para as necessidades de última hora, as mulheres indianas fazem as suas compras nas mercearias existentes no Bairro, particularmente às pertencentes aos indianos, e também recorrem a vendedores ambulantes, de peixe, cabo-verdianos, que visitam várias vezes por semana as ruas do Bairro. Está patente uma relação de confiança e de grande cumplicidade.

“A minha mãe as coisas mais pequenas do dia a dia, fruta, legumes, açafraão, piripiri, coentros moídos,... Vai comprar aqui ao bairro da Quinta da Vitória... pois é mais barato e conhecemos... são pessoas indianas... todos os dias de manhã vem a carrinha do peixe ao bairro... vou lá sempre todos os dias... são africanos que vendem”. F2

“Vou mais eu às compras, mas meu marido ajuda também (...) às vezes nas compras de mercearia, hortaliças ou quando falta coisa de repente vou buscar ao bairro, nas mercearias dos indianos... têm lá especiarias, coisas nossas... e penso que é mais em conta”. F3

Muitas mulheres indianas não dominam o português, sendo a língua *Gujarate* um elo forte de identidade e também de socialização. A existência de televisor e a incidência no canal indiano é visível em todas as casas como uma necessidade de manter a tradição, a língua e as origens, factores predominantes nesta cultura.

“O gujarate é sempre em casa para falar com minha mãe ou com as pessoas que não falam português...mas quando falamos indiano pomos sempre palavras portuguesas pelo meio... aprendemos a falar gujarate em casa aprendemos também um pouco com as músicas e filmes indianos”. F2

“Com a família, filhos, nas cerimónias, com a família de meu marido... sempre é importante falarmos a língua gujarati, para convivemos com eles”. F1

Religião: sentimento de pertença

As mulheres hindus revelam um sentimento e uma atitude religiosa na sua vida quotidiana. As famílias de origem hindu respeitam muito os rituais e eventos religiosos, sendo a religião o centro e o caminho para as suas vidas, daí verifica-se a importância e a fidelidade diária a que se submetem.

A questão religiosa é o traço unificador da identidade cultural das mulheres hindus. O factor religioso manifesta-se de uma forma recorrente na vida quotidiana desta comunidade, tanto pela forma como cada família organiza os seus cultos religiosos diários, como pela distribuição do seu calendário-cosmogónico (os meses contam-se quinzenalmente, ou seja, de duas em duas fases da lua - da lua nova à lua cheia e da lua cheia à lua nova).

As mulheres indianas têm religião hindu e praticam a religião todos os dias em casa.

O local de culto privilegiado é a sala, porque a casa não tem uma divisão própria para o oratório. O espaço doméstico hindu é o local principal de identidade pessoal e grupal, é onde se realizam a maior parte dos rituais religiosos. E, quando não é possível ter uma divisão só para o oratório, este é colocado na sala de entrada e orientado preferencialmente para nascente. Os rituais religiosos são, pois, responsáveis por parte da organização do espaço da habitação.

“Todos os dias, faço Arti de manhã em casa... depois quando há cerimónias vamos ao Mandir no bairro. De vez em quando vou também ao Mandir no Lumiar, para

as grandes festas, o Nortá, a festa dos nove dias... vou mais aqui no bairro e aqui conhecemos todas as pessoas”. F1

“Rezamos cada um com o Deus, todos os dias, logo de manhã. Toma-se banho e a seguir depois é aqui que rezamos (na sala onde está o Mandir doméstico), e depois faz-se o resto durante o dia... já está abençoado”. F3

“Damos muito valor à religião...vamos aos eventos importantes e também temos muitas celebrações na casa, todos juntos”. F3

As famílias hindus têm os seus rituais próprios, tendo uma variedade de divindades e ritos face à mudança para um novo espaço. A religião, tem um lugar primordial nas suas vidas que se constata na forma como falam e também na atitude face a um novo espaço habitacional.

“Quando se vai para uma casa nova... eu não sei como explicar... faz-se o Avan... ainda não fizemos, põe-se uma coisa, que se põe em casa, não sei explicar, antes de se fazer o Avan. Temos que fazer o “Catá”, com o padre. Há pessoas que por opção quando têm uma casa nova convidam os familiares para jantar, almoçar, familiares vieram cá todos, mesmo pessoas do bairro, conhecidos vieram, convidamos toda a gente. Ainda não convidamos para virem jantar na casa nova, também não é urgente... é bom dar conhecimento da casa nova, mudança, não sei... temos o Hanuman na porta de entrada para dar sorte... significa vitalidade, força e virilidade... os homens rezam a este Deus, todos os sábados no Mandir vão rezar, deitam óleo sobre ele...” F2

“Temos uma celebração que fazemos antes de entrar na nova casa... já fizemos o “Catá e Avan”. A primeira coisa que fizemos foi trazer uma imagem do Deus Ganeche... na religião Hindu, primeiro ele e a seguir o resto... e depois começamos a rezar e acendemos uma vela.

O primeiro a entrar foi o Deus, é ele que entra primeiro na casa nova... para proteger... tá a ver?... Para proteger primeiro entrar ele e instala-lo na nova casa. Depois fizemos o “Catá”, foi agora há pouco tempo, com Avan, o fogo... teve cá o nosso padre, o Brahman.” F3

Trabalho

Relativamente à condição perante o trabalho, as profissões predominantes estão ligadas ao sector da construção civil (os hindus que fazem parte da casta dos pedreiros e da casta dos carpinteiros), que ocupa cerca de metade da população realmente activa, e as profissões relacionadas com actividades comerciais, sobretudo desempenhadas por alguns elementos da comunidade hindu⁴. Quanto às mulheres, na sua maioria não trabalham, o número de empregadas é reduzido. Destacam-se sobretudo os trabalhos de limpeza, em part-time, nas grandes empresas, na maioria dos casos e no turno da manhã (das 6 às 9 horas). Este fenómeno prende-se com a continuidade de um elemento cultural e religioso: quando os homens se casam, comprometem-se perante Deus, a sustentar a esposa. Assim, o papel da mulher é essencialmente a família e a casa, algumas ajudam também os maridos nos negócios, no caso dos pequenos comércio ou dos feirantes.

“Só meu marido trabalha. Eu trato dos miúdos, roupas, levá-los à escola... Não dá para ir trabalhar, compras e tudo...” F1

“Eu ajudo meu marido na feira. Vamos três vezes por semana, sábados e domingos... sou eu e meu marido que trabalhamos... a filha casada está em casa, meus outros filhos estudam e meu genro às vezes ajuda também.” F3

O espaço público: o Bairro

As casas das famílias hindus tornam-se facilmente reconhecíveis pelas folhas de mangueira ou nespereira que normalmente decoram as suas entradas, os *saris* coloridos nos estendais, os pátios de entrada decorados com pinturas, entre outros elementos representativos da cultura; apresentam uma estrutura interna também diferenciada das restantes, pela sua dimensão (destinada a acolher famílias numerosas e de estrutura alargada), e pela sua organização interna em torno de pequenos pátios de entrada, destinados à execução de rituais e à convivialidade, sobretudo entre as mulheres.

No Bairro é a população hindu a que mais se destaca, não só em número como também na vivência diária, pelo vestuário⁵, festas e cerimónias religiosas.

Quando se fala do espaço público, que é comum a todos os moradores, onde se entrecruzam pessoas com formas de estar e culturas diferenciadas, é inevitável não se falar do espaço Rua. É o espaço privilegiado para o encontro e para o convívio. A satisfação com a rua tem sobretudo a ver com a sua localização no contexto do bairro. A rua ganha validade positiva porque se encontra dentro de algo com o qual se tem bastante afinidade de origem e pertença, este acaba por proporcionar aqui uma continuidade que a população

deseja preservar.

No caso das mulheres, o momento de encontro, para além da rua, é também nas festividades no “*Mandir*”, existente no Bairro Quinta da Vitória, local de culto das famílias hindus. Em 2005 foi demolido o Templo existente no Bairro, com a libertação da área onde se encontrava, começando a funcionar nessa ocasião em espaço próximo, cedido pela Câmara Municipal de Lisboa, na Av. Alfredo Bem Saúde: a comunidade hindu nunca deixou de ter o seu espaço de oração.

Enquanto espaço sagrado, os elementos desta comunidade deslocam-se ao Templo para fazer as suas orações diárias (de manhã e ao fim do dia), embora algumas pessoas o façam nas suas casas, onde têm um pequeno *mandir* doméstico.

Para além destas celebrações, o calendário religioso é tão rico em festividades e cerimónias em homenagem aos seus deuses, as quais são realizadas naquele espaço sagrado; é também aí que os elementos da comunidade se juntam e tomam as refeições cerimoniais.

“A minha mãe encontra-se com as outras senhoras no Mandir, nos eventos no Mandir...” F2

“Encontramo-nos na rua, nas festas, também vêm nos visitar e nós a eles... convivemos nestas coisas, pois trabalhamos, não temos tempo.” F

A comunidade hindu apresenta-se bastante mais organizada e coesa que a restante população. As famílias portuguesas e africanas privilegiam muito mais as relações entre si do que a comunidade hindu, que é mais fechada ao exterior.

Esta atitude por parte das famílias hindus, privilegiando um relacionamento intra – grupal não revela, no entanto, atitudes segregativas relativamente aos diferentes grupos. Pode-se mesmo registar um forte sentimento de pertença ao Bairro por parte dos vários grupos, evidenciando uma certa identidade territorial globalmente partilhada.

A antiga casa: a barraca

Como temos vindo a referir, estas famílias foram realojadas num novo espaço de residência. Quando falamos com as mulheres indianas relativamente ao posicionamento face ao alojamento anterior, a barraca, verifica-se que sentem uma nostalgia, um saudosismo, uma necessidade de voltar ao bairro enquanto ele permanece no terreno. Este sentimento deriva da ligação afectiva e efectiva àquele espaço e a tudo o que se relaciona, desde as redes de sociabilidade e vizinhança estreitas, a uma memória positiva do passado, das origens e a tudo o que aquele local proporcionou. As sociabilidades são recordadas com saudade e fica-se com a ideia, nalguns casos, que ter-se-á perdido, sobretudo, o ambiente familiar que dantes se vivia e o sentimento de segurança que este transmitia e que agora terá mudado.

“Sinto saudades da casa... porque lá podíamos fazer barulho, abria-se a porta, estava-se na rua... era tipo uma vivenda... para mim tinha significado especial... muitos anos a viver lá.” F2

“Encontramo-nos na rua, no Mandir... íamos a casa uns dos outros... agora cada um mete-se na sua casa e não nos vemos tanto.” F3

O espaço doméstico: a nova casa

O espaço doméstico funciona como local privilegiado das actividades familiares que permite a manutenção e reprodução das identidades culturais fundamentais para a coesão familiar e comunitária, como já dissemos.

Para a mulher hindu, a nova casa é como a concretização de um sonho e como suporte de uma esperança para a promoção no estatuto residencial. A casa concretiza um momento de viragem na vida da família, permitindo, em comparação com a situação anterior, melhores condições de habitabilidade e conforto. A casa concorre para a promoção social, exigente de uma postura perante a vida, mas também perante os novos espaços que lhe são propostos.

Na opinião de Teresa Costa Pinto (1994),

o facto de se ter agora uma casa, projecto talvez mais importante das suas histórias de vida é, por si só, despoletador de um forte sentimento de satisfação, à margem das características morfológicas e dos modelos habitacionais onde foram realojados e das condições habitacionais do novo espaço residencial.”

Quase inevitavelmente, diríamos, o realojamento é associado de imediato à casa, ponto sobre o qual se faz, unanimemente, uma avaliação positiva.

Segundo estudos já realizados (Freitas, 1994; Pinto, 1994), para algumas destas famílias o realojamento vale sobretudo pela casa, pois permite a concretização de um desejo que para muitos, por falta de recursos, teria sido mais adiado.

“Senti um sonho... gostei muito da nova casa, não esperava tão depressa ter a casa, né? Não esperava mesmo... senti uma emoção grande, né? Sempre é diferente do que nas barracas”. F1

A sala

Em termos da apropriação do espaço doméstico, a sala de estar aparece como o centro do alojamento, o espaço vital mais importante. Apresenta-se como o local mais vivido e investido pelas mulheres hindus. Geralmente, a sala é o sítio mais sobrecarregado de

mobiliário, objectos decorativos, quadros, fotografias, plantas, etc... A tendência é para encher o espaço, pois este é o cartão de visita para quem entra, é a divisão onde se registam geralmente os primeiros investimentos.

As salas encontram-se decoradas com alguns elementos religiosos como imagens de divindades, fotografias de familiares e dos antepassados, sendo-lhes prestado culto diário, tal como as restantes divindades. Estes cultos funcionam como protecção da casa e da família.

A sala é, por assim dizer, o espaço “mais público” e multifuncional da habitação: acumulando geralmente a função de sala de jantar, a sala é o local onde estão por exemplo, a televisão e o vídeo, onde a família costuma estar reunida e onde se recebem as visitas.

“É na sala, almoço aqui e janto aqui, pois a cozinha é pequena, não dá para almoçar, o espaço é muito pequeno, não cabemos todos, temos uma mesa pequena, somos uma família grande, tem que ser aqui” F1

“Fazemos todas as refeições na sala. Na cozinha cozinhamos, lavamos loiça... tenho máquina de lavar roupa, frigorífico, e fogão. Mesa e cadeiras estão na sala pois não cabem.”F1

Esta é a divisão da habitação onde normalmente as mulheres convivem, recebem visitas e onde manifestam um particular interesse e gosto, pois é o espaço maior para acolher as visitas e por isso, é o espaço privilegiado para efectuarem as celebrações e os eventos festivos próprios da sua cultura e religião, nas suas habitações.

“A sala porque estamos todos juntos, para receber visitas é na sala que recebemos. Um dia fiz uma cerimónia, na cozinha não cabíamos todas para ajudar a cozinhar. Nas cerimónias costuma vir família para ajudar a cozinhar.” F1

“A sala de estar porque acho que é a união de toda a família, o único onde toda a família, o momento onde todos se reúnem, no quarto não porque cada um vai para o seu, e ninguém se comunica. É para visitas, e onde temos a televisão.” F2

“Normalmente é na sala de estar, onde todos se reúnem a conversar, para conviver, para qualquer evento, que haja, tipo noivado, casamento é sempre a sala. Há casos em que os homens ficam na sala e as senhoras na cozinha... assim separados uns dos outros.” F2

“A sala é grande, acolhedora... é para receber as visitas e familiares e também para fazer as cerimónias.” F3

A cozinha

No que respeita às divisões do espaço doméstico, as mulheres hindus gostariam que a cozinha fosse maior, porque é o espaço onde passam a maior parte do tempo, a cozinhar; Como realizam muitas celebrações e rituais para os quais é necessário confeccionar alimentos, a cozinha é o espaço privilegiado para o efeito, contando com o apoio de familiares para os preparativos. Para além do espaço de refeição, a cozinha funciona também como centro do convívio feminino.

“A cozinha é pequena, gostava que a cozinha fosse maior”. F1

“Passo mais tempo na cozinha a cozinhar todo o dia... E por isso gostava que fosse maior...” F3

“A cozinha... quando temos visitas, quando há casamentos, celebrações... quando vêm mais pessoas, para ajudarem a cozinhar já não dá.” F3

De acordo com as reflexões retiradas, constata-se que o espaço doméstico é o centro organizador da comunidade. Enquanto espaço privilegiado do desenrolar de actividades religiosas e de sociabilidade feminina, permite a consolidação e a reprodução de práticas culturais que funcionam como elementos cruciais e importantes para a unidade identitária do grupo.

Relações de vizinhança e redes de sociabilidade

Por sociabilidade, entendemos o conjunto de relações sociais estabelecidas e vividas pelos indivíduos, por meio das quais eles mantêm laços, quer de natureza pessoal, quer colectiva, com outros indivíduos. Nas redes de sociabilidade incluem-se as relações de vizinhança, de amizade e familiares.

O local de recrutamento das sociabilidades continua a ser o próprio bairro e neste, as relações de vizinhança, a par da família, continuam a figurar como a mais importante rede de sociabilidade.

Relativamente às mulheres hindus, as relações de vizinhança estão muito ligadas às relações familiares existentes e à existência de festividades em que estas se tornam ponto de encontro entre as mesmas. Aquilo que sobressai e que confirma como mais evidente quanto à relação de vizinhança, é que as vizinhas mais visitadas e com quem se mantêm relações de amizade, são as que fazem parte das suas famílias alargadas.

Como se tem vindo a referir, o local mais referenciado pela população hindu, é o *Mandir* pois exerce uma função agregadora da identidade cultural e de junção das mulheres hindus residentes no bairro.

“Nas festas, no mandir costumo encontrar gente conhecida, amigos... em casa de minha mãe, na barraca também encontra-se muitos conhecidos... em casa de minha mãe vai muita gente pois ela é dona do mandir...”F1

“Costumo encontrar-me no mandir, nas festividades... vou de vez em quando a casa deles. Já vieram também a nossa casa.”F3

Conclusão

A ocupação da mulher hindu é ainda e muito a vida doméstica: cuidar da casa e ser mãe, embora comece já a surgir o papel da mulher trabalhadora, no geral, em horários reduzidos e em trabalhos menos qualificados, ou em apoio aos negócios do marido – pequenos comércios ou feiras.

A mulher tem pois uma vida social menos desenvolvida que o marido, no entanto, ela é o factor aglutinador da família, das tradições e da religiosidade. Com efeito, são elas que confeccionam as refeições, o elemento fundamental das celebrações religiosas e são também estas que transmitem, em grande parte, os rituais religiosos e fazem as orações, quer porque têm maior disponibilidade de tempo, no geral não trabalham, quer porque a comunidade é relativamente pequena para ter um celebrante.

Grande parte da vivência das mulheres é em casa, pelo que esta assume um papel fundamental na sua vida. A mudança da barraca para a casa, de uma construção térrea para um apartamento é a concretização de um sonho, uma evolução social, mas também a quebra de um ritmo de vida e de convívio, de encontro quotidiano: enquanto que no bairro, bastava vir à rua para encontrar os vizinhos, no apartamento é preciso sair de casa e ir à casa de outro.

Por outro lado, no novo espaço fica o desejo de uma cozinha maior, ponto de encontro e de convívio, de preparação das refeições para as festividades, bem como falta de um espaço para o culto, que fica assim, na maioria dos casos, remetido para a sala, a divisão maior, onde o *mandir* toma o lugar de destaque.

Há pois, em terra distante da origem e com uma língua diferente, uma adaptação da mulher à nova realidade, tomando por vezes um papel social e culturalmente mais activo.

Notas

¹ Hélia Bracons Carneiro (2003), *Processo de Realojamento e Apropriação do Espaço num Bairro Multi-Étnico* [Texto Policopiado], Tese de Mestrado em Serviço Social, Lisboa, Instituto Superior de Serviço Social, 2003.

² O *Gujarate* é uma das línguas indianas, utilizadas na província do sub continente indiano com o mesmo nome.

³ À semelhança da população indiana do bairro da Quinta da Holandesa (cf. Pereira Bastos, 1990: 56).

⁴ À semelhança de muitos casos da população indiana da Comunidade hindu de Santo António dos Cavaleiros (cf. Inês Lourenço, 2003: 65).

⁵ Principalmente as mulheres que vestem *saris* ou *panjabis*.

Referências Bibliográficas

BASTOS, José Gabriel Pereira & BASTOS, Susana P., *De Moçambique a Portugal. Reinterpretações identitárias do hinduísmo em viagem*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000.

CARNEIRO, Hélia Bracons, *Processo de Realojamento e Apropriação do Espaço num Bairro Multiétnico*, [Texto policopiado], Tese de Mestrado em Serviço Social, Lisboa, Instituto Superior de Serviço Social, 2003.

FREITAS, Maria João, “Os paradoxos do Realojamento”, In: *Sociedade e Território*, nº 20, Lisboa, Afrontamento, 1994.

LOURENÇO, Inês Barbosa, *Reflexões antropológicas em contexto Pós-Colonial. A Comunidade Hindu de Santo António dos Cavaleiros*, [Texto policopiado], Tese de Mestrado em Antropologia: Colonialismo e Pós-Colonialismo, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2003.

MALHEIROS, Jorge Macaísta, *Imigrantes na Região de Lisboa. Os anos da Mudança*, Coleção Geografia, Lisboa, Edições Colibri, 1996.

PEREIRA BASTOS, Susana Trovão, *A Comunidade Hindu da Quinta da Holandesa. Um estudo antropológico sobre a organização sócio – espacial da casa*, Lisboa, LNEC, 1990.

PINTO, Teresa, “A apropriação do espaço em bairros sociais. O gosto pela casa e o desgosto pelo bairro”, In: *Sociedade e Território*, n.º 20, Lisboa, Afrontamento, 1994.